

Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A Importância da Arqueologia na Pesquisa Acadêmica

batistapioneira.edu.br

III Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2025.v3.006



**Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**

A PARÁBOLA DA SEMENTE: UMA ANÁLISE DE MARCOS 4.26-29

The parable of the seed: an analysis of Mark 4.26-29

Renato César Alves da Silva¹
Paulo César de Barros Araújo²

RESUMO

Este artigo analisa a parábola da semente, registrada em Marcos 4.26-29, explorando seu significado teológico, literário e prático no contexto do ensino de Jesus sobre o Reino de Deus. As parábolas, como método pedagógico, eram centrais no ministério de Jesus, permitindo que verdades espirituais complexas fossem transmitidas de forma acessível e desafiadora. As reflexões práticas abordam a aplicabilidade contemporânea da parábola, enfatizando a importância da paciência, da confiança em Deus e do engajamento diligente na obra do Reino. A parábola desafia os cristãos a equilibrar sua responsabilidade em semear a Palavra com a humildade de reconhecer que o crescimento é obra divina. Conclui-se que a parábola da semente oferece insights profundos sobre a natureza do Reino de Deus, destacando sua soberania, o caráter processual de seu estabelecimento e o papel dos fiéis nesse processo. A mensagem da parábola mantém sua relevância hoje, servindo como um chamado à fé, à paciência e ao compromisso com a obra de Deus. O estudo sugere ainda a necessidade de pesquisas adicionais sobre temas como a interação entre a ação humana e a providência divina, bem como a aplicação da parábola em contextos de discipulado e missão contemporâneos.

Palavras-chave: Parábola da semente. Reino de Deus. Exegese. Missiologia.

¹ Mestrando em Letras (Linguística Aplicada) pelo PPGLetras da UEMS. Especialista em Docência do Ensino Superior, licenciado em Letras e bacharel em Teologia. Professor de Filosofia, Sociologia e Laboratório Inteligência de Vida (LIV) na educação básica. E-mail: renatocads@outlook.com.

² Especialista em Docência do Ensino Superior. Bacharel em Teologia e licenciado em Geografia. Professor do Seminário Teológico EBNESR, em Recife-PE. E-mail: pcaraujo023@gmail.com.

ABSTRACT

This article analyzes the parable of the seed, recorded in Mark 4.26-29, exploring its theological, literary, and practical significance in the context of Jesus' teaching about the Kingdom of God. Parables, as a pedagogical method, were central to Jesus' ministry, allowing complex spiritual truths to be conveyed in an accessible and challenging way. The practical reflections address the contemporary applicability of the parable, emphasizing the importance of patience, trust in God, and diligent engagement in the work of the Kingdom. The parable challenges Christians to balance their responsibility to sow the Word with the humility to recognize that growth is a divine work. It is concluded that the parable of the seed offers profound insights into the nature of the Kingdom of God, highlighting its sovereignty, the processual nature of its establishment, and the role of believers in this process. The message of the parable remains relevant today, serving as a call to faith, patience, and God's work commitment. The study also suggests the need for additional research on topics such as the interaction between human action and divine providence, as well as the application of the parable in contemporary discipleship and mission contexts.

Keywords: Parable of the Growing Seed. God's Kingdom. Exegeses. Missiology.

INTRODUÇÃO

As parábolas desempenham um papel central nos ensinamentos de Jesus e são uma das suas formas preferidas de comunicar verdades espirituais profundas. Elas são histórias curtas, simples e repletas de imagens familiares, que, ao mesmo tempo, possuem um significado profundo e simbólico. Nas palavras de Pestana, elas “são uma das ‘marcas registradas’ do ensino de Jesus”.³

A título de definição, ainda para ele, temos que

Um erro comum é definir parábolas como sendo comparações, usando a etimologia do termo grego PARABOLE (que significa literalmente “jogar (colocar) ao lado de”), fazendo com que parábolas sejam “uma verdade física sendo colocada ao lado de uma verdade espiritual”. Na verdade, esta definição explica algumas parábolas, mas não todas. O termo original que Jesus deve ter usado (MATHLA ou MASHAL) pode significar metáfora, provérbio, enigma, comparação, narrativa simbólica, alegoria, etc. Assim, as parábolas são um tipo de discurso narrativo caracterizado pelo uso de narrativas, símiles, metáforas, comparações, enigmas, provérbios, poesia, etc.⁴

Isso indica que as parábolas não são apenas lições morais apresentadas em analogias, mas discursos multifacetados, que empregam narrativas e imagens para transmitir verdades espirituais. A parábola, assim, não se limita a uma fórmula rígida, mas pode envolver diferentes formas de expressão simbólica, enriquecendo o entendimento dos ouvintes com diferentes camadas de significados.

³ PESTANA, Álvaro César. **As parábolas de Jesus**. 3.ed. Campo Grande: Editor Álvaro César Pestana, 2010, p. 9.

⁴ PESTANA, 2010, p. 9.

As parábolas utilizadas por Jesus foram um meio eficaz de transmitir a mensagem de salvação de maneira acessível e compreensível para seus ouvintes. Através dessas narrativas, os ouvintes conseguiam identificar o ensino claro e simples de Jesus, reconhecendo nele a autoridade para comunicar a mensagem redentora do amor de Deus.⁵ Elas serviam “como lentes que nos dão acesso a uma realidade diferente”.⁶

Além disso, também serviam como ferramenta pedagógica, pois ao usar imagens do cotidiano, como semear, pastorear, colher e outras situações familiares, Jesus valorizava “a sabedoria do Deus encarnado sem menosprezar a potencialidade dos ouvintes humanos”.⁷ Para Da Hora, “o uso da memória, demonstrado através das parábolas, se constituiu uma prática educativa necessária à formação dos primeiros cristãos. Isto se deu, sobretudo, por meio da consolidação da memória coletiva entre os seguidores de Jesus”.⁸ Ou seja, mesmo que as pessoas não compreendessem imediatamente o significado, as parábolas ficavam gravadas em suas mentes e os levavam a refletir mais profundamente sobre os temas espirituais que Jesus queria ensinar.

A parábola que será analisada neste artigo é a da semente, relatada exclusivamente pelo evangelista Marcos (Mc 4.26-29). Normalmente lembrada dessa maneira, é um daqueles textos pouco visitados dos evangelhos. Dentro dos ensinamentos de Jesus, outras parábolas tendem a ganhar mais evidência, por exemplo: a do semeador (Mt 13.3-9), a do filho pródigo (Lc 15.11-32), a dos talentos (Mt 25.14-30) e outras. Porém, apesar de ser um texto muito curto, direto e aparentemente simples, ele carrega consigo lições valiosas.

Nesta história, Jesus diz que um homem plantou uma semente na terra e voltou às suas atividades do dia a dia, como trabalhar, comer e dormir. A semente, sem necessidade da intervenção do que plantou, cresce até o ponto de dar frutos e, estes - chamados de espigas na Nova Almeida Atualizada - ficam prontos para serem cortados na época da colheita. Após a leitura do texto, alguns questionamentos podem surgir: “Como os ouvintes primevos receberam essa história?”, “Quais as implicações para eles e para a igreja?”, “Quais lições podem ser extraídas dessa mensagem?”

Por isso, objetivando explorar o significado teológico, literário e prático da parábola, analisando o conceito do Reino de Deus como proposto por Jesus, através de pesquisas bibliográficas qualitativas, será conduzida uma análise exegética e hermenêutica do texto em questão, em seguida serão tecidos comentários com aplicações para os ouvintes modernos e, por fim, as considerações finais. Esse esforço é justificado pela relevância da parábola no contexto da pregação de Jesus e sua aplicabilidade para os cristãos contemporâneos.

⁵ KISTEMAKER, Simon J. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: CEP, 1992, p. 19.

⁶ SNODGRASS, Klyne. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 68.

⁷ DA HORA, Diogo Vercelino. A proposta pedagógica do Cristo: uma análise da prática didática de Jesus a partir de suas parábolas e da pedagogia freireana. **Revista Teológica**, [S.l.], n. 10, jan. 2016. ISSN 2674-7898. Disponível em: <<http://ead.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/5>>. Acesso em: 22 mar. 2025, p. 52.

⁸ DA HORA, 2016, p. 51.

1. ANÁLISE EXEGÉTICO-HERMENÊUTICA

1.1 Tradução do texto (Grego-português)

À princípio, usando Mouce⁹ e Louw e Nida¹⁰ como base lexicográfica, faremos uma tradução livre do texto crítico grego presente no “O Novo Testamento Grego”¹¹:

²⁶ Καὶ ἔλεγεν Οὕτως ἐστὶν ἡ βασιλεία τοῦ Θεοῦ ὡς ἄνθρωπος βάλη τὸν σπόρον ἐπὶ τῆς γῆς ²⁷ καὶ καθεύδῃ καὶ ἐγείρηται νύκτα καὶ ἡμέραν καὶ ὁ σπόρος βλαστᾷ καὶ μηκύνηται ὡς οὐκ οἶδεν αὐτός ²⁸ αὐτομάτῃ ἡ γῆ καρποφορεῖ πρῶτον χόρτον εἶτα στάχυν εἶτα πλήρης σῖτον ἐν τῷ στάχυϊ ²⁹ ὅταν δὲ παραδοῖ ὁ καρπὸς εὐθὺς ἀποστέλλει τὸ δρέπανον ὅτι παρέστηκεν ὁ θερισμός¹²

²⁶ E ele disse: o Reino de Deus é como um homem que lança uma semente sobre a terra, ²⁷ deita e levanta de noite e dia, e a semente brota e cresce, sem que ele saiba como. ²⁸ A terra, por si só, produz fruto: primeiro o broto, depois a espiga, e por fim o grão cheio na espiga. ²⁹ E quando o fruto amadurece, imediatamente ele envia a foice, porque a colheita chegou.

A partir dessa tradução, prosseguiremos para a análise hermenêutica, que envolve tanto as condições de produção da fala de Jesus, quanto a recepção dos primeiros ouvintes.

1.2 Contexto imediato

Essa parábola é a sequência de outras já ditas por Cristo. Por isso que, como é possível ver na nossa tradução e também em outras, encontramos a expressão “E disse ainda” ou “e ele disse”, indicando que o que está por vir é a continuação de uma fala anterior. Cabe ao leitor, então, investigar o que foi dito antes e depois para saber onde essa fala está inserida.

Neste mesmo capítulo, do verso 1 ao 9, é nos dito que Jesus estava na região da Galiléia – norte de Israel – e colocou-se à beira do Mar de Genesaré para ensinar àqueles que o seguiam. É neste ambiente, num barco local, que essa parábola é dita.

Antes dela, Jesus conta duas outras parábolas: a do semeador (versos 3 a 9) e a da lamparina ou lâmpada (versos 21 a 25). E, no meio dessas duas histórias, como se fosse um “recheio”, Jesus explica o motivo de ensinar usando parábolas (versos 10 a 12) e explica a primeira parábola – a do semeador (versos 13 a 20).

Nessa justificativa, segundo o próprio Jesus, ele falou em parábolas para

A vocês é dado conhecer o mistério do Reino de Deus, mas aos de fora tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e,

⁹ MOUNCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

¹⁰ LOWN, Johannes; NIDA, Eugene A. **Léxico Grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: SBB, 2013.

¹¹ ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. **O Novo Testamento Grego**: com introdução e aparato em português. Barueri: SBB, 2019.

¹² ALAND; et al, 2019, p. 108.

ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se e sejam perdoados (Mc 4.11-12).

Ou seja, o ensinamento em formato parabólico tinha um duplo efeito: revelaria a mensagem do reino de Deus aos que tinham um coração disposto e, ao mesmo tempo, esconderia àqueles que não o tinham. No próximo tópico, abordaremos cada verso da parábola da semente afim de entendê-la em seu sentido primeiro e, a partir dele, conseguir fazer as interpretações e aplicações pertinentes para a cristandade contemporânea.

1.3 Análise hermenêutica

Como esse texto somente está presente no evangelho de Marcos, não teremos textos correlatos para comparar a narrativa. Faremos, então, uma análise verso a verso dessa perícopa, fazendo as possíveis relações com textos cruzados.

Verso 26a: “Jesus disse ainda: - O Reino de Deus”. Diferentemente do evangelista Mateus, Marcos costuma utilizar a expressão “Reino de Deus”. O uso da expressão “Reino de Deus” (gr. βασιλεία τοῦ θεοῦ) remete à proclamação central da mensagem de Jesus em Marcos (Mc 1.15). Este reino significa, basicamente, a esfera espiritual de atuação de Deus, que está em contato com o mundo físico. Verso 26b: “é como um homem que lança a semente na terra.”. A imagem do “homem que lança a semente” lembra a figura do semeador já apresentada anteriormente (Mc 4.3-9), mas com um foco distinto: aqui, a ênfase não está na qualidade do solo ou da resposta humana, mas no processo do crescimento em si. A ação do homem é pontual – ele apenas semeia – e logo sai de cena, reforçando o contraste entre a ação humana e a ação divina. A semente é a palavra de Deus pregada à humanidade. Além disso, vale ressaltar que esse “homem” que lança a semente, representa a humanidade – homens e mulheres – que estão em constante semeadura da palavra de Deus pelo mundo.

O versículo 27 aprofunda esse contraste, ao afirmar que o homem “dorme e se levanta, de noite e de dia, e a semente germina e cresce, não sabendo ele como”. A alternância entre o dormir e o levantar (imagem do ciclo diário) indica uma rotina natural e contínua, enquanto a semente realiza seu desenvolvimento de forma independente. Como ressaltou Mulholland, “a rotina do agricultor não é afetada pela ansiedade”.¹³ Ele segue sua vida normalmente e espera que a semente faça aquilo que compete a ela: crescer. Independentemente dos esforços daquele que semeou, a semente crescerá e dará seu fruto no seu tempo devido. O desconhecimento do homem sobre o “como” do crescimento aponta para o mistério da ação divina, lembrando textos como Eclesiastes 11.5 e João 3.8, que falam sobre a imprevisibilidade dos caminhos de Deus. Assim, o crescimento do Reino não depende da compreensão humana, mas da soberania divina. Esse ponto é também reforçado por Paulo em 1 Coríntios 3.6-7, ao afirmar: “Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus”.

Verso 28: “A terra por si mesma frutifica: primeiro aparece a planta, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga.”. Essa expressão é curiosa. Ela exige toda a ação do agricultor

¹³ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 58.

e deixa claro que a frutificação que viria em seguida não era resultado da ação do semeador, mas da própria terra. Esse crescimento é descrito de maneira gradativa: primeiro a planta – raízes, caule e folhas, depois as espigas e, por fim, os frutos. A expressão “por si mesma” traduz o termo grego *αὐτομάτη* (automatē), de onde provém o termo “automático”. A terra possui, por designação divina, uma capacidade intrínseca de gerar vida, o que remete ao papel da criação no projeto de Deus (Gn 1.11-12). O desenvolvimento em três etapas – erva, espiga e grão – ressalta um processo gradual e orgânico. France destaca que esse movimento evidencia a ideia de que o Reino não irrompe repentinamente, mas progride em estágios, até sua maturação plena. O crescimento é inevitável, mesmo que invisível aos olhos humanos, reiterando a necessidade de paciência e confiança, como ensinado também em Gálatas 6.9.¹⁴

Por fim, o versículo 29 conclui a parábola com a seguinte afirmação: “E, quando o fruto já está maduro, logo manda cortar com a foice, porque chegou a colheita”. A imagem da foice e da ceifa está associada, no Antigo Testamento, ao julgamento escatológico (Jl 3.13), e encontra eco no Novo Testamento em Apocalipse 14.15-16, onde o Filho do Homem ceifa a terra com uma foice afiada. A colheita, portanto, representa a consumação do Reino, o tempo determinado por Deus para sua manifestação plena. Jeremias observa que a tensão entre o começo discreto (a semente) e o final glorioso (a ceifa) é característica da escatologia de Jesus, que anuncia um Reino presente, porém ainda por se revelar em plenitude.¹⁵

Lane, comentando este trecho, afirma que “a parábola é uma proclamação de esperança: o Reino de Deus está presente, crescendo silenciosamente, e sua vinda em poder é certa”.¹⁶ Keener destaca que, ao contrário das parábolas agrícolas da tradição judaica, que exaltavam o esforço do lavrador, aqui se sublinha a autonomia do processo, refletindo uma teologia do Reino centrada na graça divina. Assim, a parábola se apresenta como uma advertência contra a ansiedade humana e uma exortação à confiança no tempo e nos modos de Deus (Fp 1.6).¹⁷

Para Osborne, “o ponto central gira em torno do fato de que Deus é responsável pelo crescimento do reino, e não nós”; isso está em sintonia com o que ouvimos de Paulo em 1 Coríntios 3.6. Além disso, ainda para Osborne, “as ações do agricultor mostram que os santos fazem parte do processo. No entanto, lançamos a semente e esperamos Deus – aquele que dirige o processo – produzir a colheita”.¹⁸

Qual é a relevância dessa pequena parábola para os cristãos atuais? Essa é a pergunta que justifica todo o nosso esforço exegético. Nas próximas páginas apresentaremos três aplicações práticas a partir da parábola do crescimento da semente. Elas são complementares. Em primeiro lugar, explicaremos que a pessoa do reino trabalha. Em segundo lugar,

¹⁴ FRANCE, R. T. *The Gospel of Mark*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 213.

¹⁵ JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus: uma abordagem teológico-histórica*. São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 139.

¹⁶ LANE, William L. *The Gospel According to Mark*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974, p. 171.

¹⁷ KEENER, Craig S. *The IVP Bible Background Commentary: New Testament*. Downers Grove: InterVarsity, 1993, p. 147.

¹⁸ OSBORNE, Grant R. *Marcos*. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 76.

afirmaremos que Deus trabalha por meio do trabalho humano. Em terceiro lugar, explanaremos que esse trabalho não será vão.

2. REFLEXÕES PRÁTICAS

2.1 A pessoa do reino trabalha

Os discípulos de Jesus, na condição de súditos do reino dos céus, foram chamados para trabalhar em prol do avanço deste reino na terra. Jesus utilizou várias figuras de serviços braçais para associar o trabalho ao discipulado. “Você será pescador de gente” (Lc 5.10); “a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9.37); “ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus” (Lc 9.62). De fato, Cristo não chamou expectadores, mas trabalhadores.

Conforme Coleman, no primeiro ano do movimento messiânico de Jesus, os discípulos não desempenharam um papel de protagonismo no ministério. No início, Cristo não exigiu que seus discípulos fizessem o mesmo que ele fazia. Jesus entendeu que seus seguidores precisavam de tempo para entender a sua pessoa e seu jeito de trabalhar.¹⁹ Portanto, eles apenas ficavam observando o Mestre trabalhar e realizando pequenos serviços simples como comprar comida e batizar pessoas (Jo 5.2,8). Contudo, as reações espontâneas do grupo dos discípulos não foram desencorajadas (Jo 1.40-46).

Passado o período de observação e trabalhos simples, chegou a hora de Jesus envolvê-los de forma mais intensa no ministério. No segundo ano do seu ministério terrestre, Jesus escolheu doze discípulos e enviou-os para a primeira missão (Mt 10.1-5). Concordando com Coleman, eles já tinham visto o suficiente para começar a agir. Eles receberam autoridade para expulsar demônios, ressuscitar mortos, purificar leprosos, curar enfermos e pregar o evangelho (Mt 10.1-8). Um trabalho frenético começou de modo que eles nem tinham tempo para comer (Mc 3.20; 6.31).²⁰

A parábola do crescimento da semente ilustra essa realidade experimentada pelos primeiros discípulos de Cristo. O homem descrito na parábola está no seu ambiente de trabalho lançando a semente na terra que foi preparada para o plantio. A imagem de trabalho na lavoura revela como funciona as coisas no reino de Deus. Tudo acontece no campo de trabalho. Jesus encarnou a figura deste homem da parábola, porém todo seguidor de Cristo encarna esse papel, continuando aquilo que Jesus começou a fazer e a ensinar (At 1.1). Portanto, a imagem do trabalho na lavoura é útil para descrever o serviço dos cristãos no reino inaugurado.

Servir a Jesus, na perspectiva cristã, significa trabalhar para neste mundo até que o reino venha. Essa mensagem de trabalho continua sendo realidade até mesmo após a cruz de Cristo. Segundo Wright, a mensagem da cruz não é sobre Jesus ter concluído todo trabalho e agora não restar nada a fazer; na verdade é um programa em que pessoas perdoadas são postas

¹⁹ COLEMAN, Robert. **Plano mestre de evangelismo**. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 79-80.

²⁰ COLEMAN, 2006, p. 80-81.

para trabalhar lidando com os males do mundo. Como disse o apóstolo Paulo historicamente após a crucificação: “somos cooperadores de Deus” (1Co 3.9).²¹

2.2 Deus trabalha a partir do trabalho humano

Após lançar a semente, o homem da roça dorme e acorda, passa o dia e passa a noite. O ciclo de sua vida avança. Enquanto isso, algo está acontecendo com aquela semente plantada. A germinação aconteceu e planta começou a crescer sem ele saber como. A terra por si mesma faz tudo isso acontecer, sem interferência humana. Primeiro nasce a erva, depois, a espiga, e por fim, o grão maduro na espiga. O homem trabalhou, mas a terra fez tudo acontecer. A semente foi lançada por mão humana, mas misteriosamente germinou, cresceu e frutificou sem ajuda de humano algum.

Esse processo ilustra como funciona o trabalho de Deus e o trabalho da humanidade no reino messiânico. Esta última é responsável por semear a palavra de Cristo, mas Deus é aquele que faz o resto acontecer sem auxílio de mãos humanas. A pessoa traz a contribuição inicial e se surpreende com aquilo que Deus faz a partir de sua pequena contribuição.

A parábola destaca que as coisas acontecem sem que o sujeito saiba como. O homem plantou. Aparentemente nada aconteceu nos primeiros dias. Mas a terra já estava fazendo seu trabalho a fim de entregar seus resultados. Um trabalho invisível estava sendo operado. O tempo mostrou os frutos. O homem do campo não colheu o fruto no dia em que plantou. Houve um processo de espera. E esse processo respeitou as etapas que foram estabelecidas pela natureza.

Assim podemos aprender que o resultado vem no tempo e na ordem que Deus quer. As etapas precisam ser respeitadas. O tempo revela como Deus estava trabalhando desde o princípio. Somos pessoas aceleradas. Queremos que tudo aconteça no nosso tempo e do nosso jeito. Mas Cristo nos ensina que no reino de Deus é diferente. Deus faz tudo acontecer no tempo dele e do jeito dele. A nossa missão é semear e esperar.

Essa mensagem é útil para animar muitos cristãos e cristãs que servem a Deus e não veem resultados naquilo que estão fazendo. Muitos ficam desanimados ao ponto de desistir. A palavra é pregada e nada acontece. Visitamos, consolamos, aconselhamos, discipulamos, servimos, e não vemos o fruto esperado que justifique nosso esforço. Contudo, esta parábola nos ensina a continuar atuando com a fé de que Deus está trabalhando a partir do nosso trabalho. Os frutos vão aparecer. Paciência. E quando os frutos se tornarem visíveis vamos perceber que não foi a mão humana que fez isso, foi a graça de Deus (1Co 15.9-10).

2.3 O trabalho não será vão

Conforme Edwards, a semente prospera por si mesma e, semeada, põe em movimento um processo que levará à colheita. No final da parábola o fruto é colhido. O trabalho, iniciado

²¹ WRIGHT, N. T. **Como Deus se tornou Rei**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. Kindle, posição 3891.

pelo ser humano e misteriosamente conduzido por Deus, produziu resultados aproveitáveis.²² Para os cristãos é uma grande satisfação iniciar um trabalho para Deus e ver os frutos esperados. É gratificante ver que Deus trabalhou a partir de nossa semeadura. Quando isso acontece aprovamos nosso trabalho e somos aprovados por outras pessoas. Contudo, precisamos da aprovação do próprio Deus, pois tudo é feito para seu louvor. Por isso que a doutrina do juízo final é tão importante. O juízo derradeiro é a grande ceifa. Nela descobriremos cabalmente que nosso esforço valeu a pena.

Em seu juízo, Deus julgará cada pessoa conforme o bem ou mal-feito por meio do corpo (Rm 14.10-12; 2Co 5.10). As más obras passarão, mas todo bom fruto será aproveitado e armazenado no celeiro da eternidade. “Portanto, queridos irmãos, continuem fortes e firmes. Continuem ocupados no trabalho do Senhor, pois vocês sabem que todo o seu esforço nesse trabalho sempre traz proveito” (1Co 15.58).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parábola da semente, um texto tão pequeno e esquecido no estudo das parábolas de Jesus, contém uma mensagem poderosa. Através de uma narrativa simples, Jesus revela verdades essenciais sobre o Reino de Deus, destacando a dinâmica entre a ação humana e a soberania divina. A análise exegética e hermenêutica demonstrou que essa parábola não apenas ilustra o crescimento misterioso e inevitável do Reino, mas também oferece orientações valiosas para a vida cristã.

Em primeiro lugar, a parábola nos lembra que a pessoa do Reino trabalha. Assim como o agricultor lança a semente, os discípulos de Cristo são chamados a semear a Palavra com diligência, confiando que o crescimento não depende exclusivamente de seus esforços, mas da graça de Deus. Essa mensagem é um convite ao engajamento ativo na missão, sem ansiedade ou a pretensão de controlar os resultados.

Em segundo lugar, aprendemos que Deus trabalha a partir do trabalho humano. A semente germina e cresce “por si mesma” (*αὐτομάτη*), evidenciando que o verdadeiro crescimento espiritual é obra divina. Isso nos ensina a confiar no tempo de Deus e a reconhecer que, mesmo quando não vemos resultados imediatos, Ele está agindo de maneira invisível e poderosa. Essa perspectiva combate o desânimo e fortalece a perseverança na evangelização, no discipulado e em todas as formas de serviço cristão.

Por fim, a parábola assegura que o trabalho no Reino não será em vão. A colheita é certa, e os frutos virão no tempo determinado por Deus. Essa esperança escatológica nos motiva a continuar firmes, sabendo que nosso labor no Senhor tem valor eterno (1Co 15.58). A imagem da foice e da ceifa nos lembra que um dia toda a história será consumada, e o Reino de Deus se manifestará em plenitude.

Em um mundo marcado pelo imediatismo e pela busca de resultados rápidos, essa parábola nos convida a uma fé paciente e ativa. Ela nos ensina a semear com fidelidade,

²² EDWARDS, James R. **O comentário de Marcos**. São Paulo: Shedd, 2018, p. 191.

descansar na soberania de Deus e aguardar com esperança a colheita que Ele mesmo trará. Assim, a mensagem de Jesus continua relevante: o Reino avança silenciosamente, mas irresistivelmente, e aqueles que cooperam com Ele participarão de sua glória. Deus trabalha a partir do nosso trabalho, fazendo tudo crescer até render frutos que serão aproveitados na eternidade.

REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. **O Novo Testamento Grego**: com introdução e aparato em português. Barueri: SBB, 2019.

COLEMAN, Robert. **Plano mestre de evangelismo**. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

DA HORA, Diogo Vercelino. A proposta pedagógica do Cristo: uma análise da prática didática de Jesus a partir de suas parábolas e da pedagogia freireana. **Revista Teológica**, [S.l.], n. 10, jan. 2016. ISSN 2674-7898. Disponível em: <<http://ead.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/5>>. Acesso em: 22 mar. 2025.

EDWARDS, James R. **O comentário de Marcos**. São Paulo: Shedd, 2018.

JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. Tradução de João Rezende Costa. 5.ed. São Paulo: Paulus, 1986.

KEENER, Craig S. **The IVP Bible Background Commentary: New Testament**. Downers Grove: InterVarsity, 1993.

KISTEMAKER, Simon J. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: CEP, 1992.

LANE, William L. **The Gospel According to Mark**. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

LOPES, Hernandes Dias. **Marcos: o evangelho dos milagres**. São Paulo: Hagnos, 2006.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene A. **Léxico Grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos**. Barueri: SBB, 2013.

MOUCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento Grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

OSBORNE, Grant R. **Marcos**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

PESTANA, Álvaro César. **As parábolas de Jesus**. 3. ed. Campo Grande: Editor Álvaro César Pestana, 2010.

ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos: à luz do Novo Testamento grego.** Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

SNODGRASS, Klyne. **Compreendendo todas as parábolas de Jesus.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

WRIGHT, N. T. **Como Deus se tornou Rei.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.